

O Porfiriato e a Revolução de 1910 sob a ótica de Octavio Paz: História e Política em algumas produções do poeta e ensaísta mexicano.

Enviado em:
21/10/2012

Aprovado em:
05/11/2012

Fábio Eduardo de Araujo Baião

Graduando do curso de História da UFOP
baiao.fabio@gmail.com

Fernanda Bastos Barbosa

Mestranda do curso de História da UFOP
fernanda.ichs@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo do artigo é discutir a representação do Porfiriato e da Revolução Mexicana em algumas produções do poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz, bem como seu desencantamento com a política mexicana pós-revolucionária.

125

Palavras-Chave

Octavio Paz. Porfiriato. Revolução Mexicana.

Abstract

The aim of this article is to discuss the representation of the Porfiriato and the Mexican Revolution in some productions of Mexican poet and essayist Octavio Paz, as well his disenchantment with the post-revolutionary Mexican politics.

Keywords

Octavio Paz; Porfiriato; Mexican Revolution

Introdução

Octavio Paz Lozano nasceu na Cidade do México no ano de 1914 e faleceu em 1998 na mesma capital. Famoso escritor latino-americano, ele produziu sobre diversos gêneros, tendo muitos trabalhos no campo da ensaística e da poesia. Durante sua vida, passou por países como Estados Unidos, Espanha e Inglaterra e teve contato com vários intelectuais. Além disso, Paz também participou da esfera política mexicana, trabalhando na diplomacia e ocupando postos no Japão, na Índia e na Suíça. Ajudou a fundar e trabalhou em importantes periódicos, alguns deles foram *Taller* (1938-1941), *Plural* (1971-1976) e *Vuelta* (1976-1998).

Entre os anos de 1948 e 1949, Paz escreveu *O labirinto da solidão*, obra publicada em 1950 e reeditada no ano de 1959¹, na qual algumas partes foram modificadas pelo autor. O livro era originalmente composto por oito capítulos e um apêndice. Além desses, três capítulos foram escritos posteriormente (*Post Scriptum*), após o Massacre de 1968². Na primeira parte (do capítulo 01 ao 04), Paz discutiu a *mexicanidad*, procurando o “México profundo”, as características que compunham o “ser mexicano”.³ Como escreveu Enrique Krauze em *Os redentores* (2011):

Expressar um povo era “construir” esse povo: ‘porque nosso país está em pedaços ou pelo menos não inteiramente nascido’. O poeta literalmente tinha que construir o México. Devido a essa responsabilidade, a literatura mexicana, sempre avidamente curiosa sobre o que podia ser universal, precisa, em vez disso, olhar ‘para nós mesmos, não tanto para encontrar novidade ou originalidade, mas algo mais profundo: autenticidade’. Essa qualidade essencial de ser mexicano (*mexicanidad*), buscada depois por todos, não tinha uma natureza nacionalista ‘traíçoeira e preconcebida’. O que era ela então? Somente o poeta, feito da mesma substância que seu povo, podia encontrá-la. E como? Deixando o ‘mistério’ realizar seu trabalho, e

1 Sobre o assunto das duas edições de *O labirinto da solidão*, ver BRADING, David. A.. *Octavio Paz y la poética de la historia mexicana*. México: FCE, 2002, capítulo IV.

2 É como ficou conhecido o massacre perpetrado por forças de segurança pública na Praça de Tlatelolco, uma importante região histórica da Cidade do México. Os números de manifestantes mortos até hoje é motivo de incertezas. Uma escala repressiva do governo mexicano, em julho de 1968, desencadeou uma série de manifestações contra o sistema político centralizador adotado a partir da década de quarenta. As manifestações coincidiram com a proximidade da realização dos Jogos Olímpicos no país, gerando um desconforto por parte das autoridades nacionais. A situação se agravou e o então presidente do México, Gustavo Díaz Ordaz, tomou a decisão de “apaziguar” a situação abrindo fogo contra uma multidão desarmada no dia 2 de outubro daquele ano. Policiais à paisana e membros do exército, sob ordem direta do chefe do executivo, dispararam contra centenas de estudantes presentes nas manifestações de Tlatelolco – ou *Plaza de las Tres Culturas*.

3 O objetivo do artigo não é enfatizar uma discussão ou análise sobre a *mexicanidad* para Octavio Paz, bem como a discussão desenvolvida sobre o assunto na década de 1960. Para se aprofundar nessa questão, ver O’GORMAN, Edmundo, “La historiografía”, em *México: 50 años de Revolución*, v. IV; HURTADO, Guillermo. “Historia y Ontología en México: 50 Años de Revolución”. *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, n. 39, enero-junio 2010, pp. 117-134.

sonhos: ‘quando sonhamos que estamos sonhando, estamos próximos de acordar’. A *mexicanidad* era uma substância invisível, localizada em algum lugar [...]. (KRAUZE, 2011, p. 205).

Para o poeta, os mexicanos viviam entre a solidão e a comunhão. Eram indivíduos herméticos, fechados em si mesmos. No capítulo dois, percebemos que a tese principal é a de que o mexicano apenas mostra uma máscara que tem o objetivo de esconder sua essência. Para o autor, o atributo maior do mexicano é a solidão. Como escreveu, “somos [os mexicanos], na verdade, diferentes. E, na verdade, estamos sós.” (PAZ, 1984, p. 22).⁴ “Velho ou adolescente, crioulo ou mestiço, general, operário ou bacharel, o mexicano surge como um ser que se fecha e se preserva: máscara, o rosto, e máscara, o sorriso.” (PAZ, 1984, p. 30).

Os capítulos subsequentes (do 05 ao 08) têm caráter histórico. Nessa parte, Paz escreveu sobre um período que vai desde a época da conquista e da colonização espanhola até a época contemporânea a ele. Entre os capítulos, o autor foi revelando os momentos de solidão e orfandade pelos quais passaram os mexicanos, bem como seus momentos de comunhão, de sentimento de filiação histórica e revelação do seu ser. Como afirmou:

A indubitável analogia que se observa entre certas de nossas atitudes e as dos grupos submetidos ao poder de um senhor, uma casta ou um estado estrangeiro, poderia resolver-se nesta afirmação: *o caráter dos mexicanos é um produto das circunstâncias sociais imperantes em nosso país; a história do México, que é a história dessas circunstâncias, contém a resposta a todas as perguntas. A situação do povo durante o período colonial seria assim a raiz de nossa atitude fechada e instável.* (PAZ, 1984, p. 67, grifo nosso).

127

Devido aos limites do trabalho, seria impossível e muito generalizante tratar de todas as épocas discutidas por Octavio Paz em seu livro, além de não ser o foco de nossa discussão. Após uma breve apresentação da biografia do escritor, das principais ideias contidas em *O labirinto da solidão*, é importante destacar que o objetivo do artigo é discutir a postura analítica de Paz referente ao governo de Porfirio Díaz (Porfiriato), como também acerca da Revolução Mexicana e, posteriormente, do desencantamento desse autor com a política de seu país após o Massacre de Tlatelolco em 1968 (época em que, como explicamos, o autor revisita seu livro e acrescenta um *Post Scriptum* falando sobre a atual situação política mexicana).

4 O capítulo três mostra os momentos em que há a possibilidade de os mexicanos se abrirem: a festa e a morte. Para o autor a festa dá a possibilidade de o mexicano extravasar, mas isso não quer dizer que ele se mostre (questão das máscaras). A festa representa um momento de abertura do mexicano, liberdade, mas essa liberdade só serve para reforçar o quanto ele é fechado; e quanto mais fechado, mais o mexicano pode explodir nesses momentos de comunhão. Como escreveu: “durante esses dias [de festa], o silêncio mexicano assobia, grita, canta, solta foguetes, descarrega a pistola no ar. Descarrega a alma.” (PAZ, 1984, p. 47).

A representação do Porfiriato na obra *O labirinto da solidão: um governo “fora do lugar”*

O Porfirismo, com efeito, é um período de inautenticidade histórica.

Octavio Paz

Octavio Paz, em sua obra *O labirinto da solidão*, foi um grande crítico do governo presidencial do oaxaqueño Porfirio Díaz. Díaz havia governado o país entre os anos de 1877 e 1911, depois renunciou ao cargo e se exilou na França, devido à eclosão do movimento revolucionário⁵. O poeta adotou uma postura “antiporfirista” em sua obra⁶. Como argumentou Krauze, o Porfiriato, para Paz, seria “uma máscara cobrindo a ausência de autenticidade [...]” (KRAUZE, 2011, p. 211). Segundo Paz (1984),

Entre o sistema e quem o adota abre-se assim um abismo, muito sutil se quisermos, mas que torna impossível qualquer relação autêntica com as idéias, que se transformam às vezes em máscaras. *O porfirismo, com efeito, é um período de inautenticidade histórica*. Santa-Ana muda alegremente de disfarces: é o autor que não acredita no que diz. *O porfirismo se esforça em acreditar, se esforça em fazer suas as idéias adotadas. Simula, em todos os sentidos da palavra*. (PAZ, 1984, p. 119, grifo nosso).

128

Como percebemos, a partir da citação acima, o governo de Don Porfirio teria encoberto o verdadeiro México, os mexicanos estavam em uma situação de “perda de filiação histórica” (PAZ, 1984, p. 121). O governo simulava, encobria, não deixava aparecer, ou melhor, mascarava o “México profundo”, era um momento de orfandade para os cidadãos do país.

Uma historiografia “porfirista”, marcada por obras como, por exemplo, a do general tapatío Bernardo Reyes (1850-1913) e do intelectual Justo Sierra (1848-1912), representou o Porfiriato - ainda durante seu governo presidencial- como uma época que gerou paz ao país frente a tantas guerras civis e intervenções estrangeiras. O Porfiriato elevou o México ao palco das nações civilizadas e trouxe

5 Entre os anos 1880 e 1884, o presidente do México foi Manuel González. Posteriormente, Porfirio Díaz novamente assumiu a primeira magistratura e, por meio de reeleições, governou o país até 1911.

6 Utilizamos a categoria “antiporfirista” baseados no livro *Porfirio Díaz: del héroe al dictador, una biografía política do historiador Paul Garner*. Neste trabalho, Garner explicou que a partir da Revolução Mexicana, mas não apenas após esse evento, o Porfiriato passou a receber grandes críticas, “el mismo don Porfirio era condenado por su corrupción, su autoritarismo y su traición a los intereses de la nación.” (GARNER, 2003, p. 15).

progresso e modernização com a construção de estradas de ferro e telégrafos⁷, a obra de Octavio Paz (e não apenas a dele) teceu forte crítica ao referido período histórico⁸.

Para o poeta, o Porfirismo não fez com que o México se modernizasse e progredisse, como muitos escritores chegaram a afirmar ainda durante o governo de Díaz. Mas, pelo contrário, ele era o herdeiro de um passado feudal, que iniciava sua vida como “país semicolonial”. Como escreveu David Brading em *Octavio Paz y la poética de la historia mexicana* (2002), “Paz exorcizó al régimen de Porfirio Díaz que dominó a México durante más de treinta años.” (BRADING, 2002, p. 58). Segundo trecho de *O labirinto da solidão*, para o escritor:

O “soldado do 2 de abril”⁹ transforma-se no “herói da paz”. Suprime a anarquia, mas sacrifica a liberdade. Reconcilia os mexicanos, mas restaura os privilégios. Organiza o país, mas prolonga um feudalismo anacrônico e ímpio, que nada suaviza (as Leis das Índias continham preceitos que protegiam os índios). Estimula o comércio, constrói estradas de ferro, limpa de dívidas a Fazenda Pública e cria as primeiras indústrias modernas, mas abre as portas ao capitalismo norte-americano. *Nestes anos, o México inicia sua vida de país semicolonial.* (PAZ, 1984, p. 117, grifo nosso).

O governo do presidente oaxaqueño foi marcado por grande concentração de terra nas mãos dos proprietários rurais. Para o escritor, o progresso e a modernização eram apenas máscaras, “roupagens” que encobriam essa volta ao passado. Os grandes beneficiados do Porfirismo foram, para ele, os latifundiários feudais. Paz

129

7 Em 1902, Bernardo Reyes escreveu *El general Porfirio Díaz*. Nesse livro o autor defendeu o grande governante Don Porfirio. Em várias passagens destacou as modernizações conquistadas pelo presidente, bem como que ele havia conseguido gerar estabilidade ao país. Justo Sierra, em um ensaio intitulado *La era actual*, contida na organização *México: su evolución social*, feita pelo mesmo entre 1900 e 1902, também destacou que o presidente gerou paz ao país, alcançou um progresso social e material no México. É importante destacar que, mesmo legitimando o Porfiriato em seus trabalhos, Sierra não deixou de criticar a permanência de Díaz no poder. Sobre as principais características de historiografia considerada “porfirista” ver: BARBOSA, Fernanda Bastos; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *Pacificar a história: passado, presente e futuro nas formas de pensar a política mexicana na transição do século XIX ao XX*. Revista História da Historiografia, Ouro Preto, número 7, nov./dez. 2011, pp. 90-112; GARNER, Paul. *Porfirio Díaz: del héroe al dictador, una biografía política*. Cidade do México: Planeta, 2003; GÓMEZ GALVARRIATO, Aurora; TENORIO Trillo, Mauricio. *El Porfiriato: herramientas para la historia*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2006; WOMACK, John. *Mexican Political Historiography*. Investigaciones contemporáneas sobre historia de México: memorias de la tercera reunión de historiadores mexicanos y norteamericanos, Oaxtepec, Morelos, 4-7 de noviembre de 1969. Austin: University of Texas Press, 1971, pp. 478-492.

8 É importante destacar que não queremos afirmar que Paz criticou a intelectualidade oitocentista, tanto que, por exemplo, o poeta citou Justo Sierra em algumas de suas obras. O objetivo do parágrafo é apenas traçar diferenças de argumentação para conseguirmos mapear modelos avaliativos sobre o Porfiriato.

9 Paz refere-se a Díaz como “o soldado do dois de abril” devido à vitória do general na Tomada de Puebla (1867) contra as forças francesas.

(1984) destacava: “Na verdade, o porfirismo é o herdeiro do feudalismo colonial: a propriedade da terra se concentra em poucas mãos e a classe dos proprietários de terras se fortalece.” (PAZ, 1984, p. 118). Como escreveu,

Apesar do que comumente se pensa, a ditadura de Porfirio Díaz é o regresso do passado. Na aparência, Díaz governa inspirado pelas idéias em voga: acredita no progresso, na ciência, nos milagres da indústria e do livre comércio. Suas idéias são as da burguesia europeia. É o mais ilustrado dos ditadores hispano-americanos e seu regime lembra, às vezes, os anos da “belle époque” na França. Os intelectuais descobrem Comte e Renan, Spencer e Darwin; os poetas imitam os parnasianos e simbolistas franceses; a aristocracia mexicana é uma classe urbana e civilizada. A outra face da moeda é muito diferente. Estes grandes senhores amantes do progresso e da ciência não são industriais nem homens de empresa: são proprietários de terras, enriquecidos pela compra de bens da Igreja ou pelos negócios públicos do regime. Em suas fazendas, os camponeses vivem vida de servo, não muito diferente da do período colonial. (PAZ, 1984, p. 118, grifo nosso).

Como percebemos a partir da citação acima, Díaz emergiu no livro como um ditador afrancesado que privilegiou a classe dos proprietários de terra de seu país, marginalizando a camada mais pobre. Para o escritor, as medidas adotadas pelo governo em nada contribuíram à classe desprivilegiada. Como escreveu Brading (2002), analisando a obra de Paz, “fue una época durante la cual el pobre vivió desheredado y en la que el pueblo de México perdió su ‘filiación histórica’.” (BRADING, 2002, p. 58).

130

Além disso, para o poeta mexicano, a classe latifundiária do país não correspondia à burguesia industrial europeia. Adotar ideias estrangeiras causava um abismo, uma incongruência com a realidade do país. Nesse sentido, conforme já destacamos, o governo simulava, as ideias europeias davam organicidade ao governo apenas em “aparência”. Tais motivos faziam com que aqueles anos fossem experimentados como um momento de “inautenticidade histórica” “[...] un país cuya élite gobernante estaba acosada por una falsa conciencia.” (BRADING, 2002, p. 58).

Como sintetizou Krauze (2011),

Com o advento da independência [independência do México], a ordem colonial foi dilacerada. A comunhão, diz Paz, não era mais sustentável e se dissolve na solidão. Depois, com o advento do liberalismo, “a mentira se instala em nossos povos quase constitucionalmente”. Anos mais tarde, a “tripla negação” da época da reforma liberal (com respeito aos mundos indígena, católico e espanhol) “estabelece o México”. Paz não negava a “grandeza” desse processo histórico, mas acrescentava, em palavras decisivamente julgadoras: “O que essa negação afirmava – os princípios do liberalismo europeu – eram belas idéias precisas,

estéreis e fundamentalmente vazias.”¹⁰ *A época de Don Porfirio seria meramente a extrema continuação dessa tendência, uma máscara cobrindo a ausência de autenticidade, uma pretensão convertida na segunda natureza automática da época.* (KRAUZE, 2011, p. 221, grifo nosso).

Se para Paz, Porfirio Díaz governava, em aparência, inspirado no “progresso, na ciência, nos milagres da indústria e do livre comércio”, o mesmo acontecia com o positivismo que, segundo o filósofo mexicano Leopoldo Zea (1942) em *El positivismo en México*, era a filosofia adotada pelo Estado durante o Porfiriato. Como afirmou o poeta mexicano, “o porfirismo adota a filosofia positivista, não a cria.” (PAZ, 1984, p. 119). Ou seja, para Paz, o positivismo europeu não correspondia à realidade do México, sendo diferentes os processos históricos dos dois lados do continente. Segundo ele,

A simulação porfirista era particularmente grave, pois ao abraçar o positivismo apropriava-se de um sistema que historicamente não lhe correspondia. A classe latifundiária não constituía o equivalente mexicano da burguesia europeia, nem sua tarefa tinha qualquer relação com a do seu modelo. As ideias de Spencer e Stuart Mill reclamavam como clima histórico o desenvolvimento da grande indústria, a democracia burguesa e o livre exercício da atividade intelectual. Baseada na grande propriedade agrícola, no caciquismo e na ausência de liberdades democráticas, a ditadura de Díaz não podia fazer suas essas ideias, sem negar-se a si mesmo e sem desfigurá-las. O positivismo se transforma assim numa superposição histórica bastante mais perigosa que todas as anteriores, porque estava fundamentado num equívoco. Entre os proprietários de terras e suas idéias políticas e filosóficas levantava-se um invisível muro de má fé. O dilaceramento do porfirismo procede deste equívoco. (PAZ, 1984, p. 120).

131

No trecho acima, ao adotar tal filosofia, o governo de Díaz negou-se a si mesmo – novamente a questão da inautenticidade histórica foi colocada. O positivismo no México seria como uma “ideia fora do lugar”, ou seja, ao ser adotado no país sua essência foi distorcida, gerando uma incoerência entre realidade e teoria.¹¹ Como afirmou, “mentira e inautenticidade são assim o fundo psicológico

10 Devido aos limites deste artigo, optamos por não discorrer sobre o período da Independência à República Restaurada discutido na obra de Octavio Paz. Para tanto, ver: PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e Post Scriptum*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

11 A título de exemplo, é importante destacar nesta discussão sobre “as ideias fora do lugar”, a tese do jurista Jesús Reyes Heróles em *El liberalismo mexicano* (1957-1961). Para o autor, ao discutir sobre o liberalismo em seu país, afirmou que, durante o Porfiriato, Díaz negou as concepções liberais, tornando-se assim um governo inautêntico. Anos mais tarde em *The transformation of liberalism in late nineteenth-century Mexico* (1989), Charles Hale afirmou que, durante a República Restaurada (1867-1876), o liberalismo se estabeleceu no México como “mito político unificador” (HALE, 1991, p. 15). Durante o Porfiriato foram agregadas ideias positivistas a ele, mas, para o autor, isso não fez com que o período fosse inautêntico ou de negação das ideias liberais, como havia afirmado Reyes Heróles.

do positivismo mexicano.” (PAZ, 1984, p.120).

Nesse sentido, após as discussões feitas até agora, para Octavio Paz, o Porfiriato foi um período em que os mexicanos perderam sua filiação histórica, não havia laços com o passado, os indivíduos estavam solitários. Se, para o autor, a história do mexicano “é a de um homem que aspira a comunhão”, no período histórico, aqui em destaque, ele se viu órfão, sem vínculo com o passado (PAZ, 1984, p. 121). Como afirmou, restava, na transição do século XIX ao século XX, asfixia e solidão. Assim, concluiu,

Vivíamos uma vida envenenada pela mentira e pela esterilidade. Cortados os laços com o passado, impossível o diálogo com os Estados Unidos – que só falavam conosco a linguagem da força ou a dos negócios –, inútil a relação com os povos de língua espanhola, enclausurados em formas mortas; estávamos reduzidos a uma imitação unilateral da França – que sempre nos ignorou. Que restava anos? Asfixia e solidão. (PAZ, 1984, p. 121).

A representação da Revolução de 1910 na obra “O labirinto da solidão”: paradoxos do protagonismo mexicano

A interpretação histórica da sociedade mexicana estabelecida por Octavio Paz postulou haver um Fio de Ariadne que guiou os indivíduos por meio do passado nacional, e, segundo o autor, foi um labirinto marcado pelo sentimento de solidão. Tal interpretação pode ser entendida, conforme mencionamos, como uma espécie de orfandade, ou seja, a carência de uma referência maior no que tangia à realidade do México. Logo, a lógica estabelecida por Paz, em sua análise do século XX, encontra raízes no século XVI. A vitória espanhola diante dos astecas foi, por muitas vezes, interpretada como um abandono por parte dos deuses. Do mesmo modo, a traição de *Malinche* – ao apoiar os conquistadores – desamparou ainda mais seus “filhos” que, a partir de então, passaram a viver entre máscaras e em uma constante solidão.

Podemos perceber que a narrativa de Octavio Paz ganhou novos contornos na virada do século XIX para o XX, principalmente após a Revolução Mexicana. Sem dúvidas, existe um nó no Fio de Ariadne estabelecido pelo autor, mais precisamente nos anos 1910/1911 – com a eclosão de vários movimentos revolucionários no país. Em *Os Redentores*, Enrique Krauze (2011) mostrou-nos a íntima relação entre o “Poeta e a Revolução”, apontando a relação familiar que ligava Paz ao processo revolucionário de 1910¹². Assim, de acordo com a leitura de Krauze, a Revolução Mexicana marcou de forma decisiva a vida de Octavio Paz, seja na infância, por meio da figura paterna, seja na vida pública, como escritor.

Conforme já dito, no capítulo cinco do livro *O Labirinto da Solidão*, o poeta mexicano refletiu de maneira particular acerca da Independência à Revolução. Focaremos, a partir de agora, nossas análises de forma a mapear e

12 Krauze estabelece a ligação entre Octávio Paz Solórzano (pai do poeta) com as tropas zapatistas do sul.

refletir sobre o significado dos desdobramentos políticos de 1910 para Octavio Paz, enfatizando a interpretação desse autor sobre tal significado. Já apontamos, em páginas anteriores, a visão específica de Paz acerca do Porfiriato, visto por ele como período de inautenticidade histórica. Foi nesse mosaico liberal contraditório que Paz instalou a Revolução Mexicana, tida como um movimento deficiente no que diz respeito aos precursores: um processo sem uma programação prévia elaborada. Nas palavras do poeta:

A ausência de precursores ideológicos e a escassez de vínculos com uma ideologia universal constituem traços característicos da Revolução Mexicana e raiz de muitos conflitos e confusões posteriores. (PAZ, 1984, p. 124).

Podemos perceber que a suposta falta de precursores ideológicos foi apontada por Paz como fonte de conflitos no futuro. Ou seja, já é possível vislumbrar o descontentamento do autor com os rumos tomados pela revolução em meados da década de 1950. Mesmo assim, o processo revolucionário não perdeu seu papel de destaque na análise de Octavio Paz. Para o poeta mexicano, o período revolucionário representou a descoberta e a entrada do país em seu próprio ser, um momento libertador de “[...] reatamento com o passado rompido pela Reforma e Ditadura; visceralidade dos fundamentos do Novo Estado que são retirados ‘das entranhas’; busca de si mesmo; e, finalmente, retorno à mãe” (AGUIAR, 2002, p. 03).

A falta de pressupostos ideológicos questionada por Paz em sua análise não foi suficiente para tirar o caráter “redentor” do processo revolucionário de 1910, momento de (re)encontro com elementos de um passado que repousariam em uma suposta “idade de ouro”. A narrativa linear do labirinto repleto de solidão prossegue, mas o nó no fio condutor chamado Revolução Mexicana rompe um pouco com a dimensão sequencial proposta pelo autor. Octavio Paz (1984) afirma que os camponeses fizeram a revolução não somente para obter melhores condições de vida, mas também para recuperar as terras arrebatadas desde o período colonial. O processo revolucionário seria, então, o momento reconciliador com o passado, a oportunidade de – realmente – se tornarem uma nova sociedade¹³. Como assinalou Brading (2002), “nacido de la desesperación y privado de consuelo, este movimiento trató de restaurar una comunión perdida mucho tiempo atrás.” (BRADING, 2002, p. 62). O poeta destacou esse período como o momento por excelência do protagonismo do povo mexicano, instante em que o México “se atreve a ser”.

A Revolução mal tem ideias. É um estouro de realidade: uma revolta e uma comunhão, um remexer de velhas substâncias adormecidas, um vir à tona de muitas ferocidades, muitas ternuras e muitas delicadezas ocultas pelo medo de ser. E com quem comunga o México nesta festa sangrenta? Consigo mesmo, e com seu próprio ser. O México se atreve

13 Cabe destacar que, segundo Octavio Paz, a independência não levou o México a uma república liberal, mas sim a uma sociedade agrária dominada por grupos latifundiários.

a ser. A explosão revolucionária é uma festa portentosa em que o mexicano, bêbado de si mesmo, conhece o fim, no abraço mortal, com outro mexicano. (PAZ, 1984, p. 134).

O trecho acima exprime de forma particular a abordagem que o poeta faz do processo revolucionário em seu país; a ausência de ideias – ou de pressupostos ideológicos – foi suprimida pelo estouro de realidade, expressa pelo descontentamento com o Porfiriato. A solidão, o instinto e a ira reprimidos durante o governo de Díaz, ou escondidos embaixo da máscara desenhada pelo autor, vêm à tona de forma abrupta. O sentimento adormecido – misto de ferocidade e ternura – emerge, ignora o medo de ser e coloca o mexicano como protagonista.

O autor questiona com quem a revolução – tida por ele como festa sangrenta – é dividida, já que, conforme vimos, a aproximação com a Espanha e o estreitamento com os Estados Unidos eram inviáveis. A indagação vem acompanhada de uma resposta que ressalta o caráter de “ousar a ser” perpetrado pelo mexicano, momento de (re)encontro e comunhão com si próprio. O processo revolucionário é um fato extraordinário, maravilhoso, no qual os protagonistas entorpecidos fenecem coletivamente – asfixia e solidão. A Revolução Mexicana transformou-se em uma contínua dualidade na visão de Octavio Paz, ela é fúria e delicadeza, festa e sangue, portentosa e explosiva; tudo ao mesmo tempo.

134

É a selvagem mãe dos desejos que intimida o recém libertado e ameaça devorá-lo. É esta a grande solidão de que fala Octavio Paz. Mas a Revolução surge como um anelo com esta mãe, como uma re-ligação, como uma festa, um excesso, um gasto, um chegar aos extremos, um estouro de alegria e desamparo, um grito de júbilo, de suicídio e de vida, tudo misturado. (AGUIAR, 2002, p. 4).

Os paradoxos do evento fundador da política contemporânea do México, expressos na narrativa de Paz, mostram a dimensão de descontentamento com os rumos tomados pela Revolução Mexicana em meados do século XX – momento em que o livro *O Labirinto da Solidão* foi escrito. Logo, o desapontamento com a política pós-revolucionária possui raízes anteriores ao Massacre de 68. Conforme frisamos, esse pessimismo em relação aos fatos envolvendo o movimento de 1910 caracteriza-se, principalmente, pela falta de coesão em torno de um elemento comum – apontado pelo autor como ausência de um pressuposto ideológico universal. Desse modo, o processo revolucionário, “carente de ideias”, não propiciou transformações profundas nas estruturas de poder mexicanas, acarretando, conforme afirma o poeta, consequências diretas no presente. Abordaremos a seguir duas dimensões que envolveram o desencantamento de Octavio Paz com a Revolução em seu país, partindo, primeiramente, de uma reflexão das críticas anteriores a 1968 para, em seguida, analisarmos a visão do autor acerca da situação pós-Massacre de Tlatelolco.

“A fala através do silêncio”: críticas de Octavio Paz em relação aos rumores da revolução

Meu avô, enquanto tomava sua xícara de café, me falava sobre Juárez e Porfirio, os zuavos e os prateados. E a toalha da mesa cheirava a pólvora. Meu pai, enquanto tomava sua taça de vinho, me falava sobre Zapata e Villa, Soto y Gama, e os Flores Magón. E a toalha de mesa cheirava a pólvora. Eu me mantinha em silêncio. Sobre quem eu poderia falar?

Octavio Paz
Canção Mexicana

Sobre “quem falar” indaga o autor no trecho acima; diante dos grandes nomes do passado, pouco restou à figura desolada que permanece em silêncio. Este “não falar” guarda consigo uma dimensão de desencantamento. Não há figuras nem fatos expressivos passíveis de serem mobilizados para completar a lógica familiar que a canção nos apresenta. A carência de referências traz um vazio que impõem o silêncio como forma de expressão. Diante da genealogia traçada por Krauze a respeito da vida de Octavio Paz, podemos inferir que a Canção Mexicana acima possuiu significados que fazem sentido dentro da lógica proposta pelo autor de *Os Redentores*.

Enrique Krauze afirma haver tido uma relação muito próxima entre a família Paz com alguns aspectos históricos do México, principalmente no que se refere à segunda metade do século XIX, bem como o processo revolucionário do início do século XX. O engajamento de Irineo Paz e Octavio Paz Solórzano, respectivamente, avô e pai do poeta, fizeram – na interpretação proposta por Krauze – que o escritor mexicano tivesse contato desde muito cedo com diversas questões políticas nacionais. Logo, nomes como Benito Juárez, Porfirio Díaz, Emiliano Zapata, entre outros, não eram novidades para o jovem escritor. As lutas de seus antepassados tiveram protagonistas claros, difundidos, em grande parte, no imaginário coletivo social do México.

Podemos perceber que cada geração da família Paz possuiu seus referenciais, figuras que foram elevadas a símbolos que, por sua vez, passaram a sintetizar valores ao longo de todo o século XX. Essa lógica geracional – que também pode ser entendida como uma tradição familiar de lutas e vitórias – foi quebrada, não deixando referenciais para as gerações futuras, no caso: Octavio Paz. Essa ausência de norte – o desvencilhamento com a sequência engajada dos progenitores – foi expressa sobre a forma do silêncio que, por sua vez, é acompanhado da indagação: “sobre quem eu poderia falar?” A dúvida torna-se também uma afirmação, não há sobre quem falar; o cheiro de pólvora cessou, um novo governo surgiu; fecharam-se as possibilidades de grandes nomes, no lugar deles nasce o desencantamento.

Mesmo antes de Tlatelolco, a desilusão com os rumos revolucionários do México já era representada pelo poeta que buscou, na falta de pressupostos ideológicos mais amplos, o sentido para os problemas vividos pelo seu país

em meados da década de 1950¹⁴. O protagonismo individual do mexicano que “ousou a ser” deu lugar ao coletivismo de muitas faces do Partido Revolucionário Institucional (PRI)¹⁵. Como um ímã, o PRI trouxe para sua órbita grande parte da memória nacional, principalmente a revolucionária, colocando-se como gestor da história mexicana. Logo, no melhor estilo de George Orwell¹⁶, o Partido *de la Revolución* detinha o poder político do país, além de salvaguardar os símbolos do passado.

Se a história narrada pela canção mexicana ocorresse anos depois na mesa da família Paz, talvez o poeta rompesse o silêncio. Talvez ele, desencantado com a tradição de lutas e vitórias, diria ao avô e ao pai sobre a figura do seu tempo: *El ogro filantrópico*, criatura criada por Octavio Paz para representar o PRI; dualidade de um sistema político que nos remete aos paradoxos expostos pelo autor em relação à Revolução Mexicana. Esse “Ogro” guarda consigo um caráter bondoso, do mesmo modo em que não abandona seus instintos ferozes. Voltemos à mesma dualidade expressa no movimento de 1910. Assim como a Revolução, “o Ogro Filantrópico” é fúria e delicadeza, festa e sangue, tudo ao mesmo tempo. O cheiro de pólvora na mesa mexicana, aparentemente substituído pelo aroma da democracia revolucionária, ganhou novos contornos a partir de 1968.

O “Massacre de Tlatelolco” e o desencantamento de Paz frente à política do PRI

136

O ano de 1968 foi marcado por movimentos estudantis em várias partes do mundo. Como escreveu o próprio Paz em seu *Post Scriptum*, “foi um ano axial: protestos, tumultos e motins em Praga, Chicago, Paris, Tóquio, Belgrado, Roma, México, Santiago...” (PAZ, 1984, p. 200). Os movimentos em cada país possuíram demandas específicas por parte de estudantes (bem como de trabalhadores), mas esse episódio ficou conhecido por sua magnitude. O caso francês é um dos mais estudados pela comunidade acadêmica.¹⁷

No México, o movimento iniciou-se em julho do mesmo ano, tendo o governo federal reprimido a manifestação. Tal repressão por parte do Estado fez com que o episódio adquirisse repercussão nacional. Como descreveu Enrique Krauze,

14 Cabe ressaltar que esse desencantamento por parte do poeta em relação à Revolução Mexicana foi algo gradativo. Ver: KRAUZE, Enrique. *Os Redentores: Ideia e Poder na América Latina*. Editora Benvirá, 2011.

15 Não é o foco deste trabalho discutir a criação do PNR (Partido Nacional Revolucionário) em 1929, e suas transformações até chegar a ser conhecido como PRI (Partido Revolucionário Institucional) em 1946. Sobre o assunto, ver: GARRIDO, Luis Javier. *El Partido de la Revolución Institucionalizada*. México D.F.: Siglo XXI, 1987.

16 Autor do livro *1984*. Tinha como máxima a seguinte frase: “Quem controla o passado controla o futuro.”

17 Sobre o assunto ver KURLANSKY, Mark. *1968- O ano que abalou o mundo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

O exército, em um ato estúpido de agressão exagerada, usou uma bazuca para destruir a porta da Escola Nacional Preparatória. Alguns estudantes do segundo grau foram feridos, e as autoridades da Universidade Nacional Autônoma (à qual a Preparatória estava formalmente ligada), precisamente em defesa de sua autonomia, lideraram a primeira de várias passeatas em que milhares de pessoas (pela primeira vez em décadas) participaram das demonstrações de rua contra o governo, que viam como estagnado, corrupto, demagógico e autoritário. Certamente o sistema político mexicano não tinha campos de concentração. Nem propagava a ideologia de um Estado Supremo pronto para entrar em todas as áreas de experiência. Mas exercia um poder quase absoluto baseado na convergência de um partido (o PRI funcionava como uma agência centralizada para o emprego, a corrupção e as gratificações, enquanto no âmbito nacional sempre triunfava nas eleições regularmente mantidas, totalmente manipuladas) e um presidente monárquico, escolhido a cada seis anos pelo presidente que saía e pelos idosos do partido e favorecido por amplos poderes sobre o tesouro, os recursos nacionais, as empresas estatais, o exército, o Congresso, os tribunais, os governadores, os prefeitos e os principais meios de comunicação. Seu único limite era temporal – um presidente não podia servir mais que um mandato. (KRAUZE, 2011, p. 247).

Ainda nessa atmosfera conflituosa, como dito no início do trabalho, em 02 outubro de 1968, universitários manifestavam na conhecida *Praza de Tlatelolco*. A demanda, segundo Paz, era por reformas democráticas, bem como uma crítica à burocracia do PRI e do imperialismo norte-americano. A atitude do governo foi novamente de repressão, matando centenas de estudantes no local. Como escreveu o poeta, foi uma “[...] *ferocidade* (não há outra palavra) da repressão mexicana.” (PAZ, 1984, p. 209, grifo nosso).

Após o massacre, a ideia do humanismo mexicano sofreu grande impacto e os intelectuais passaram a repensar uma série de questões. Octavio Paz – na época, embaixador do país – renunciou ao cargo “em resposta direta ao pior e mais sanguinário crime de Díaz Ordaz” (KRAUZE, 2011, p. 251). Ao abandonar o cargo que possuía, o escritor foi para a Inglaterra e, posteriormente, para os Estados Unidos. Em 1969 escreveu e, em 1970, publicou o *Post Scriptum (Posdata)*, que viria a ser a continuação de *O labirinto da solidão*. Essa parte é composta por três capítulos: “Olimpíada e Tlatelolco”, “O desenvolvimento e outras miragens” e “Crítica da pirâmide”. Analisando de uma forma geral, percebemos o desencantamento e uma crítica aberta de Paz ao governo personalista do Partido Revolucionário Institucional. Para David Brading (2002),

Al volverse a la historia reciente, Paz confesó que, pasado el momento anárquico de la Revolución, *México había sido gobernado por una serie de presidentes todopoderosos, electos regularmente por el régimen de un solo partido, siempre en el poder, que ahora llevaba el nombre grotesco de Partido Revolucionario Institucional (PRI)*. (BRADING, 2002, p. 79, grifo nosso).

Como escreveu o poeta no capítulo um do *Posdata*,

Diferentemente dos estudantes franceses em maio desse mesmo ano, os mexicanos não propunham uma mudança violenta e revolucionária da sociedade, nem seu programa tinha o radicalismo dos de muitos grupos de jovens alemães e norte-americanos. Também não surgiu a tonalidade orgiástica e para-religiosa dos “hippies”. O movimento foi reformista e democrático, apesar de alguns de seus dirigentes pertencerem à extrema esquerda. Uma manobra tática? Parece-nos mais sensato atribuir esta ponderação à natureza das circunstâncias e ao peso da realidade objetiva: nem a ténpera do povo mexicano é revolucionária nem o são as condições históricas do país. Ninguém quer uma revolução, mas sim uma reforma: acabar com o regime de exceção iniciado pelo Partido Nacional Revolucionário há quarenta anos. [...]. Todas estas petições se resumiam em uma palavra que foi o eixo do movimento e o segredo do seu poder instantâneo de sedução sobre a consciência popular: *democratização*. Uma vez ou outra os rapazes pediram “o diálogo público entre o governo e os estudantes”, prelúdio do diálogo entre o povo e as autoridades. Esta demanda à que fizéramos um grupo de escritores em 1958, diante de distúrbios semelhantes, embora de menor amplitude – distúrbios que anunciavam, conforme então advertimos o governo, os que se produziriam dez anos depois. (PAZ, 1984, p. 206-207, grifo no original).

138

Percebemos, a partir da citação acima, que o país, para o escritor, necessitava ser democratizado, ou seja, é necessário que haja uma maior interlocução do PRI com a sociedade, a intelectualidade etc. Além disso, o partido estava, por meio de reeleições, a quarenta anos ininterruptos no poder. A população mexicana não possuía um espírito revolucionário que necessitasse ser reprimida da forma como o governo agiu em 68, os estudantes apenas possuíam demandas que deveriam ser negociadas com o partido único. O PRI – antigo PNR – principiou um regime de exceção no país, que mostrava como o governo era autoritário. O que existia no México era uma “violência governamental”¹⁸.

18 “Há quarenta anos já, e principalmente nas duas últimas décadas, a economia do país fez tais progressos que os economistas e sociólogos citam o caso do México como um exemplo para os outros países subdesenvolvidos. Com efeito, as estatísticas são impressionantes, sobretudo se levarmos em conta o estado em que se encontrava a nação em 1910 e as destruições materiais e humanas que sofreu durante cerca de vinte anos de guerras civis. Como uma espécie de reconhecimento internacional da sua transformação num país moderno ou semimoderno, o México solicitou e obteve que sua capital fosse a sede dos Jogos Olímpicos em 1968. Os organizadores não só se saíram muito bem na prova, como também até acrescentaram ao programa desportivo uma nota original, tendente a ressaltar o caráter pacífico e não competitivo da olimpíada mexicana: exposições de arte universal, concertos, representações teatrais e de dança, por companhias de todos os países, um concerto internacional de poetas e outros atos da mesma índole. *Mas, dentro do contexto da rebelião juvenil e da repressão que a seguiu, estas celebrações parecem gestos espetaculares com os quais se queria esconder a realidade de um país comovido e aterrado pela violência governamental. Assim, no momento em que o governo obtinha o reconhecimento internacional de quarenta anos de estabilidade política e de progresso econômico, uma mancha de sangue dissipava o otimismo oficial e provocava em todos os espíritos uma dívida sobre o sentido deste progresso.*” (PAZ, 1984, p. 205-206, grifo nosso).

Assim sendo, percebemos ao longo do artigo, analisando a obra *O labirinto da solidão* e *Post Scriptum*, que o poeta e ensaísta Octavio Paz desencantou-se com os rumos do governo mexicano, principalmente a partir da criação e continuação do poder (mesmo que por meio de reeleições) do PNR e, posteriormente, PRI¹⁹. O Massacre de Tlatelolco marcou a escrita e a reflexão política do autor, bem como de outros intelectuais do período. Como explicou a historiadora Priscila Dorella (2012),

À parte as resistências à inserção do poeta na Televisa, as suas manifestações públicas contra os regimes autoritários de esquerda e a favor da democracia política e cultural foram manifestações influentes. Para Sánchez Susarrey, colaborador da revista *Vuelta*, as críticas de Paz ao PRI, na mídia, foram observações fundamentais para as reformas políticas democráticas do Estado burocrático mexicano. (DORELLA, 2012, p. 247).

Por fim, não podemos deixar de reiterar, como discutido no tópico acima, que a crítica ao governo mexicano já vinha sendo realizada por Paz antes mesmo do ocorrido em 1968. Como ele escreveu em citação mencionada anteriormente, já no ano de 1958, escritores pediam um diálogo com as autoridades. Paz também afirmou no *Post Scriptum*, “agora sabemos que o reino do progresso não é deste mundo: o paraíso que nos promete está no futuro, num futuro intocável, inatingível, perpétuo.” (PAZ, 1984, p. 202). E concluiu,

As experiências da Rússia e do México são conclusivas: sem democracia, o desenvolvimento econômico carece de sentido, embora este tenha sido gigantesco no primeiro país e muitíssimo mais modesto, mas proporcionalmente não menos apreciável, no segundo. *Toda ditadura, seja de um homem ou de um partido, desemboca nas duas formas prediletas de esquizofrenia: o monólogo e o mausoléu. A cidade do México e Moscou estão cheias de gente amordaçada e de monumentos à Revolução.* (PAZ, 1984, p. 204-205, grifo nosso).

139

Referências Bibliográficas

AGUIAR, M. A. *Um diálogo com O labirinto da solidão e Post-Scriptum de Octavio Paz*. An. 2. Congr. Bras. Hispanistas Out. 2002.

BARBOSA, F.; FERNANDES, L. E. de O. “Pacificar a história: passado, presente e futuro nas formas de pensar a política mexicana na transição do século XIX ao

19 Entretanto, é de extrema importância destacar que, fazendo uma análise da produção intelectual de Octavio Paz sobre a política mexicana, as críticas do poeta foram muitas vezes controversas, gerando debates e pontos de conflito com outros intelectuais do país. A interpretação aqui apresentada não pretende ser consensual, existindo várias nuances e pontos de vista sobre o assunto.

XX”. *História da Historiografia*, Ouro Preto, número 7, p. 90-112, nov./dez. 2011.

BRADING, D. A. *Octavio Paz y la poética de la historia mexicana*. México: FCE, 2002.

DORELLA, P. “Octavio Paz e a Televisa”. In: FERNANDES, L. E. O. (Org.). *História da América: historiografia e interpretações*. Ouro Preto: EdUFOP, 2012, p. 242-250. [No prelo].

GARNER, P. *Porfirio Díaz: del héroe al dictador, una biografía política*. Cidade do México: Planeta, 2003.

GÓMEZ GALVARRIATO, A.; TENORIO Trillo, M. *El Porfiriato: herramientas para la historia*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

HALE, C. *La transformación del liberalismo en México a fines del siglo XIX*. Cidade do México: Vuelta, 1991.

HURTADO, Guillermo. “Historia y Ontología en México: 50 Años de Revolución”. *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, n. 39, enero-junio 2010, pp. 117-134

140

KRAUZE, E. *Os Redentores: Ideia e Poder na América Latina*. Editora Benvirá, 2011.

KURLANSKY, M. *1968 - O ano que abalou o mundo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

O’GORMAN, Edmundo, “La historiografía”, en *México: 50 años de Revolución*, v. IV

ORWELL, G. *1984*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.

PAZ, O. *O labirinto da solidão e Post Scriptum*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

_____. *El ogro filantrópico*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1983.

REYES, B. *El General Porfirio Díaz*. Cidade do México: Editora Nacional, 1960.

REYES Heróles, J. *El Liberalismo mexicano*. 3 vols. Cidade do México: UNAM, 1957-1961.

SIERRA, J. *Evolución Política del Pueblo Mexicano*. México: La Casa de España en México, 1940.

WOMACK, John. “Mexican Political Historiography”. *Investigaciones*

contemporáneas sobre historia de México: memorias de la tercera reunión de historiadores mexicanos y norteamericanos, Oaxtepec, Morelos, 4-7 de noviembre de 1969. Austin: University of Texas Press, 1971, pp. 478-492.

ZEA, Leopoldo. *El positivismo en México: nacimiento, apogeo y decadência*. México: FCE, 1993.